

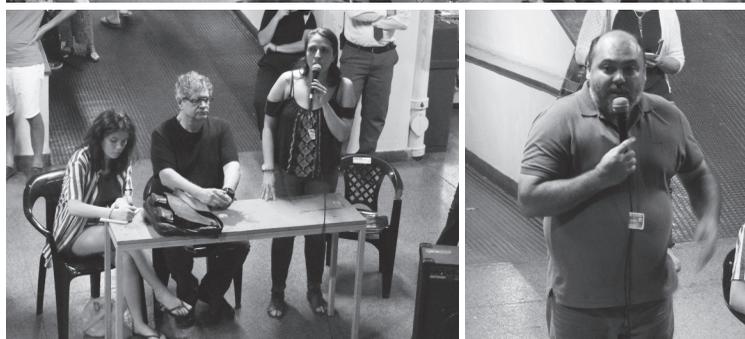
GREVE GERAL DA EDUCAÇÃO

ASSEMBLEIA APROVA PARALISAÇÃO DA PUC-SP NOS DIAS 2 E 3/10

A assembleia geral da PUC-SP, realizada na quinta-feira, 19/9, na Pracinha, aprovou a paralisação da PUC-SP nos dias 2 e 3 de outubro, para que a comunidade participe das manifestações da Greve Geral da Educação, proposta pelas entidades do setor.

Os diversos pronunciamentos, que envolveram professores, estudantes e funcionários convergiram para duras críticas ao desgoverno de Jair Bolsonaro e à verdadeira barbárie instaurada por seu ministro da Educação Abraham Weintraub. Diretores da APG enfatizaram que as recentes promessas de repasse com as verbas da Petrobrás não irão solucionar a crise instaurada na Educação que envolvem diversos cortes de verbas que não se restringem somente às bolsas.

Os participantes discutiram a decretação de uma greve já a partir do dia 23/9, preferindo viabilizar medidas para acumular forças e realizar uma grande mobilização nos dias de Greve Geral. A proposta de paralisação imediata foi feita por alunos do pós em Ciências Sociais que informaram que o setor de pós daquela Faculdade já estava paralisado.



Acima vista geral da assembleia; abaixo a mesa que coordenou os debates e a intervenção do professor Urbano Nojosa

Em sua fala o professor Urbano Nojosa, do departamento de Jornalismo e diretor da APROPUC destacou a necessidade dessa preparação e a urgência de saídas coletivas que envolvam toda a comunidade universitária. Assim várias propostas foram aprovadas no sentido de ampliar a mobilização e levá-la também para fora dos muros da universidade. Foram programadas aulas públicas e

assembleias para os dias que antecedem a paralisação. Também foi aprovada uma ida ao metrô Barra Funda, no dia 25/9, quando será realizada uma aula pública no local (veja na página 2 as propostas aprovadas na assembleia).

A APG já programou a ida de um ônibus à Brasília para os dias 2 e 3 para participar da marcha da educação que será realizada na capital federal.

MANIFESTAÇÃO DA REITORIA

A reitoria da PUC-SP divulgou também no dia 19/9 uma manifestação onde reafirma a sua preocupação com a situação do corte de bolsas e cita várias providências que estão sendo tomadas para que os estudantes de pós

continua na próxima página

continuação da página anterior

não fiquem sem as bolsas de estudo.

Vários encaminhamentos também salientaram a ameaça representada pela PEC que estabelece o fim da filantropia. Presente à assembleia o presidente da UNE, Iago Montalvão, enfatizou que a aprovação da PEC representará o fim das bolsas de filantropia para todos os estudantes e o próprio fechamento de várias instituições de ensino.

PROPOSTAS APROVADAS PELA ASSEMBLEIA

- ✓ Mobilização e organização da paralisação dos dias 2 e 3/10;
- ✓ Redação de nota reivindicando à Fundasp que não penalize os funcionários que não comparecerem ao trabalho nos dias 2 e 3/10;
- ✓ Que os cursos paralisem gradualmente as suas atividades realizando assembleias preparatórias para a Greve Geral;
- ✓ Ida à estação Barra Funda do metrô no dia 25/9 para a realização de uma aula pública;
- ✓ Realização de aulas públicas que antecedam a Greve Geral;
- ✓ Realização de debates sobre a Reforma da Previdência e o fim da Filantropia;
- ✓ Gravação de vídeo em apoio à Unesp

Crise na Educação é o tema central da nova Revista PUCviva

Na próxima quinta-feira, 26/9, às 19h, acontece na sede da APROPUC o lançamento do número 45 da Revista PUCviva. Com o tema central "Crise na educação", a publicação é aberta com o artigo "Anorexia intelectual", de Francisco José Soares Teixeira. "A angústia da educação" é abordada na sequência por Bruno de Pierro. Já o projeto Escola Sem Partido recebe as análises da dupla Manoel Fernandes de Sousa Neto e Maria Dulcinea da S. Loureiro e de Wilson Hilário Borges Filho. "Geografia, despolitização e autoritarismo no processo de regionalização chilena (1973-1978)" é o tema debatido por Rodolfo Quiroz Rojas.

Manoel Fernandes de Sousa Neto comparece com a reflexão "Tupi or not tupi". A repressão e a resistência da

PUC-SP nos anos de chumbo são revisitadas por Alexandre Gonçalves Terini, enquanto Gerson Vieira Camelo discute a desvalorização da Educação. Alexandre Marcelo Bueno e Terezinha de Jesus Oliveira Silva escrevem Cartas de um destino incerto: as significações epistolares em "K. relato de uma busca". O editor da publicação, professor Urbano Nijosa escreve sobre autonomia universitária no ensaio "Educação Jabuticaba".

Em breve a APROPUC estará lançando novos números das revistas PUCviva e Cultura Crítica. A primeira terá como tema central "Meio Ambiente", e a Cultura Crítica debaterá "Culturas de Resistência". Os artigos e resenhas devem ser enviados através do site www.apropuc.org.br até o dia 13/10, com 14 mil caracteres.



PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Sthefane Mattos

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e

Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira,

Jason Tadeu Borba, Victoria C. Weischtordt, Nalcir Antonio Ferreira Jr. e

Maria Helena Gonçalves Soares Borges

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Ministro Godoy 1055 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8208 – Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br
– PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

EDITORIAL

OBRIGADO

*"Pelos bens do mundo trocar a virtude? Não, jamais!"**Plutarco*

Obrigado por lembrarmos que os inimigos são retalhos de quem de fato somos já que seus comportamentos nos incomodam, criam mágoas e ressentimentos capazes de ativar, como um diapasão, vibrações que despertam reações violentas, vingativas, odiosas. No entanto, podem despertar o perdão ou o amor.

A cultura do ódio nega a alteridade como ponto de transição da claridade para a sombra. Sombra de traumas e pulsões anímicas do egoísmo, ignorância e do medo. Molas propulsoras da violência e do obscurantismo.

Lutar contra as sombras torna-se tão absurdo como tentar agredir as imagens do espelho, reflexo imagem-mundo. Despertar o cálculo diferencial do jogo bipolar do claro-escuro, na luta contra a sombra, impulsiona a náusea e vômitos para destituir os rancores históricos de uma elite escravocrata. Lutar significa, resistir, confrontar, violentar, obstruir, infringir, superar o obscuro incorporado nas nossas práticas de luta.

Nas artes marciais orientais, os verdadeiros mestres são aqueles que não precisam lutar. Não porque essas lutas sejam desnecessárias, mas pelo motivo de que essas vibrações de cunho estético, cultural e político não os habitam. A lição inicia-se no movimento de descontaminar a si mesmo desses limites e travas para o viver comum.

Nesse momento político de luta não podemos institucionalizar os inimigos como uma exterioridade autônoma, lembrando-nos de Hannan Arendt em que a ideia da banalidade do mal, estabelece o vazio do pensamento e do dever da personalidade burocrática. Isso que justifica a distinção entre o dever e a consciência por um conceito de obediência indiferente ao sofrimento de milhões como mecanismo da engrenagem do poder.

É a mesma indiferença que justifica a adesão fortuita à violência contra a educação, as artes, contra o silenciar sobre os corpos excluídos, as práticas homofóbicas, a intolerância religiosa com os povos de etnias africanas, os espólios das terras indígenas. A liberdade perigosa de pensar a partir dos gracejos institucionais e seculares do direito, da economia e da política a partir desses valores rancorosos da elite escravocrata, predatória com sua exploração indiscriminada dos recursos naturais.

Ao mesmo tempo, temos que ser gratos por um despertar desse torpor vivente da política brasileira. Enfrentar as ilusões perdidas no discurso de defesa do estado de direito e sua crença no jogo democrático. Precisamos superar essas ilusões perdidas, entender que a luta de classe, que foi abandonada no ambiente acadêmico, demonstra a correlação de força e poder desse projeto político. Foi

anunciado em proposições do Ministro da (des)Educação Abraham Weintraub ao afirmar que o ensino não é para todos, como também, em declarações do Executivo em pensar impostos que garantam margens excessivas da taxa de lucro do capital financeiro. As isenções de impostos atrasados de mais 17 bilhões aos ruralistas. Além do perdão passivo do Funrural, das dívidas oriundas da contribuição com a previdência social, pois as contribuições dos produtores rurais para a aposentadoria dos trabalhadores do segmento do agronegócio se incidem sobre o faturamento da produção comercializada.

Entretanto, contraditoriamente quem deve pagar as contas são os perdedores desse jogo social tão excludentes. Por isso, não é reforma, é o fim da sua aposentadoria! Não é reforma, mas o fim das leis trabalhistas! Não é contenção das verbas, mas desmonte da educação, universidade e escolas!

Despertar sobre essas ilusões perdidas a partir dos movimentos das ruas, que nas periferias brasileiras assustadoramente denunciam os tempos sombrios e suas práticas inquisitórias de interrogatórios com uso da tortura, pois são práticas corriqueiras aos corpos da juventude negra. Enfim, a "tortura não voltará", porque, de fato, ela nunca deixou de existir.

A ilusão perdida sobre

os trâmites jurídicos a partir das declarações da vazajato revelam os bandidos de toga que usurparam o poder do judiciário para fazer a dobradinha de seus negócios em detrimento dos rumos políticos do país.

Depois dessas declarações, o STF redirecionou o espólio de 2,5 bilhões da operação Passadena que seriam destinados a uma fundação privada da equipe da lava-jato. Trata-se de uma apropriação corrupta do estado e permissiva aos donos do poder. Criando uma gagueira ao provérbio: O pau que bate em Chico (não) bate em Francisco. Enfim, o direito não é para todos, pois "aos amigos, tudo, aos inimigos, a lei."

Entre as ilusões perdidas, encontrava-se a ideia de que o estado democrático de direito estava garantido, apesar do uso da tortura como mecanismo prisional e de controle das populações periféricas, justificado como mal menor. Também: o discurso da elitização das universidades públicas ser legitimado pela justificativa da meritocracia; as calúnias frente a defesa de auto-organização em sindicatos e associações dos trabalhadores, com o fim da contribuição sindical, justiça do trabalho e do próprio ministério do trabalho desdenhados como privilégios; a questão ambiental que "atrapalha" o desenvolvimento produtivo agrário do país, independente da

continua na próxima página

continuação da página anterior

contaminação das águas, solos e alimentos; o discurso de que a saúde não pode ser um direito universal.

Por fim, para nos descontaminarmos desses impropérios políticos e de suas ilusões perdidas, para avançarmos na desconstrução dessas correntes do atraso. Resta-nos aplicar os conselhos de Plutarco, em como tirar proveito de seus inimigos. Percebemos, que, visto que é impossível não ter inimigo, é preciso saber tirar proveito dessa situação. Principalmente, aprender a derrotá-los no seu próprio jogo político, com esquivas e negativas semelhantes à capoeira, que através dos golpes deslocam a estratégia do inimigo, que nos aprisionam pela capacidade de antecipar os mimetismos políticos de nossas ações.

Por isso, para enfrentar esse momento político em que o fascismo se aguça, torna-se necessário ficarmos atentos a nós mesmos, e estar vigilantes para não nos transformarmos na imagem do próprio inimigo. Reinventar-se em hábito de virtude, capaz de superar essa contenção ética e política. Por isso, responder na mesma moeda é cair na armadilha desse projeto político, que através de cortina de fumaça escamoteia o verdadeiro problema para sairmos dessa cilada política, do jogo binário, antagonista e codependente. Afinal, qual projeto de sociedade é necessário para esse momento político? Defender a educação a partir da diretriz do banco mundial?

Desculpe-nos, apesar de sermos gratos por despertarmos desse torpor, não compactuamos em nada com esse projeto de poder. Avante!!

Diretoria da APROPUC

Consun avança na regulamentação da carreira docente

A reunião extraordinária do Conselho Universitário (Consun) de quarta-feira, 18/9, prendeu-se mais uma vez na discussão de aspectos da carreira docente no texto do futuro regimento da universidade.

Foram abordados aspectos como a composição do corpo docente, a admissão de professores e regulamentação do edital para o processo seletivo e o processo de avaliação contínua dos docentes.

Não houve grandes polêmicas nas discussões sobre os diversos itens e a maioria das decisões foi consensual. Uma novidade que foi introduzida no edital do processo seletivo dos docentes é que os editais deverão respeitar políticas afirmativas na escolha dos candidatos.

Os critérios básicos hoje em vigor para a avaliação contínua foram refirmados, ficando um melhor detalhamento para as comissões que junto com o Conselho de Ensino e Pesquisa colocarão em prática a avaliação. Um artigo novo prevê que "com base nos critérios aprovados pelo Consun, os resultados finais das avaliações serão classificados em "Excelente", "Muito bom", "Satisfatório", "Em observação" e "Insatisfatório". Os docentes com avaliação "Em observação" ou "Insatisfatório" não poderão ingressar na carreira docente ou serem promovidos enquanto durar o ciclo avaliativo.

ENCERRAMENTO DA CARREIRA

O Consun deu conta, até agora, de 273 artigos do novo regimento (o texto em vigor tem 348 artigos.

Entre os temas polêmicos que ainda faltam ser analisados está o encerramento da carreira docente.

O vice-reitor Fernando Antonio de Almeida leu ao final da reunião alguns tópicos sugeridos e possíveis modificações. O texto segue o estatuto que em seu artigo 86 estabelece que "o encerramento da carreira é previsto aos 75 anos". Embora ambíguo, o texto contraria a legislação vigente que estabelece a aposentadoria compulsória somente para o serviço público.

Dois parágrafos novos são sugeridos, o primeiro que delega aos planos acadêmicos das faculdades o planejamento de atividades concernentes aos docentes que após 75 anos permaneçam em atividade. Outro parágrafo estabelece que o docente que permanecer em atividade após os 75 anos não poderá exercer cargo de gestão acadêmica.

Este último item está em flagrante desacordo

com o estatuto do idoso que em seu capítulo 27 afirma: "na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir".

O texto enviado ao Consun não estabelece parâmetros financeiros para o encerramento da carreira. A FEA sugere que "os docentes que não se adequarem às políticas estabelecidas para continuar na universidade deverão ter assegurados os direitos trabalhistas vigentes na época de sua contratação". Já a Faculdade de Educação pede que seja incluído no texto o parágrafo: "todos os direitos trabalhistas devem ser observados nas políticas de renovação do corpo docente".

A próxima sessão do Consun acontece na quarta-feira, 25/9, devendo se estender por toda a tarde.

Reitora volta a se manifestar sobre cortes de bolsas do pós-graduação

A professora Maria Amalia Andery, reitora da PUC-SP, voltou a se manifestar no Consun sobre a dramática situação que o país enfrenta com os cortes absurdos de bolsas de estudo por parte do Ministério da Educação.

A reitora relatou as conversas que teve com alunos de pós-graduação e enfatizou que os estudantes estão com medo de perder as bolsas de estudo hoje em vigor. No entendimento da Reitoria essa situação não deve acontecer, pois o que está sendo

cortado são as futuras bolsas que serão oferecidas.

Mesmo assim a professora esclareceu que continua discutindo com a Fundação São Paulo uma forma de reposição das bolsas que possam ser cortadas.

A reitora também informou que deverá editar um ato nos próximos dias encaminhando para que os docentes que participarem de eventos declarem a sua condição de professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o que muitas vezes não têm ocorrido.

Assédio Moral II

Aprendi que para estudar Psicologia, precisamos entender sobre sociedade, história e cultura, do mesmo modo, para discutir Assédio Moral será necessário antes saber sua origem, suas raízes e onde se assenta essa cultura exploratória.

A questão do Assédio está enraizada em nossa história de uma forma que percorre nossas entranhas e está muito disseminada em nossa cultura.

Para se pensar em assédio precisamos ampliar o conceito para o todo em nossa sociedade. O Assédio moral está ligado diretamente a nossa história social e nossa cultura exploratória. Também se liga de maneira grave ao assédio sexual que está relacionado ao abuso sexual, assim como a todas formas de exploração vertical onde o explorador detem o poder sobre o explorado.

Se lembramos dos registros dos fatos da nossa história ele está marcado por exploração de povos locais, retirada de matéria prima, além da exploração de índios e escravização de negros que chegavam aqui através dos navios negreiros, além da desapropriação de terras indígenas, sem falar que além de escravas as mulheres, muitas vezes, eram obrigadas a desempenhar o papel de "amantes".

Mesmo passados mais de 500 anos, os descendentes de negros e índios ainda sofrem preconceitos.

Deste modo, em nossa sociedade a cultura machista exploradora tem sua origem nos primórdios da estruturação da sociedade

brasileira, onde quem não fosse branco e europeu tinha seu valor marcado pela escravidão, pela exploração da sua mão obra e, em muitos casos, esse trabalho não era desenvolvido apenas nas lavouras, mas também na casa grande, trabalho doméstico, e para satisfazer necessidades sexuais dos "seus senhores".

Não se pode esquecer que até pouco tempo em São Paulo, e ainda muito frequentemente no Brasil, a visão da empregada doméstica guarda a mácula da exploração escrava e do assédio.

Nosso tema é Assédio Moral e até agora, parece uma discussão histórica e social da exploração do Brasil.

Foi necessário fazer essa abordagem para que entendêssemos que o tema Assédio é muito antigo em nossa cultura. O assédio moral é um braço de todas as formas exploratórias onde o assediador detem um poder sobre o abusado, exerce uma relação de chefia, de ascendência direta ou indireta sobre aquele que sofre o assédio.

Como já vimos nas matérias anteriores o assédio moral se dá de forma repetitiva e contínua e segue uma constante de modos operante: isola-se o assediado, transfere-se a ele uma noção de incapacidade, ataca-o(a) com falas e pedidos que sejam desproporcionais, bem como o "agride" verbalmente de forma a infligir algo que seja um castigo, uma fala com um tom acima, um ataque pessoal, ou uma violação das normas de conduta. Neste processo se impõe o poder de chefia, des-

respeitando o direito do sujeito e das normas

Pelo fato do tema assédio estar enraizado na cultura de nossa sociedade é muito comum também estar na cultura empresarial, que historicamente se relaciona com a cultura nacional de assédio.

As consequências psicológicas e sintomáticas são extensas e provocam situações de estresse, depressão, problemas de sono entre outras tantas afecções e doenças que afetam o desempenho pessoal, emocional e social do sujeito assediado.

Diante do exposto, o trabalho psicológico nesses casos procura criar mecanismos para o fortaleci-

mento do sujeito assediado, dar-lhe condições de enfrentar tais situações e perceber as consequências sofridas, assim como e principalmente, as formas de superar os desmandos e as consequências somáticas e psicológicas resultantes de tal prática.

Por se tratar de assunto tão complexo e presente no nosso cotidiano é que contamos com a presença de todos no evento que será realizado pela AFAPUC, nos dias 11 e 18/10/2019, como já noticiado pela Associação, para juntos abordarmos questões que afetam a comunidade.

Sylvio Rocha-Psicólogo

ASSÉDIO

MORAL

AUDITÓRIO 117A

14:30 h

11 e 18/10

PALESTRANTES:

Dr. Lucineia Rosa dos Santos Doutora em Direito e Prof. da PUCSP nas disciplinas: Direitos Humanos, Direito da criança e adolescente, Direito sobre gênero-raça,

Sylvio Rocha-Psicólogo, formado pela PUCSP desenvolve trabalho clínico e atua como palestrante e com saúde mental do trabalhador,

Dr. Francesco Scotoni, Advogado Trabalhista formado pela USP.

AFAPUC

ROLA NA RAMPA

Mulheres indígenas na medicina tradicional e na política são temas na 12ª retomada indígena

Na quarta-feira, 18/09, no auditório 100, aconteceram as mesas "A medicina Tradicional das Mulheres Indígenas na Cidade de São Paulo" e "Mulheres Indígenas na Luta Política Atual" na 12ª retomada indígena - 519 anos de resistência. A mesa teve a presença de Maria Lídia (Pankarau - liderança comunitária do Real Parque), Jessica Pankarare (Assistente Social - Saúde Indígena), Profª Sueli Pacheco do Amaral (Serviço Social - PUCSP) e Prof. Antônio Carlos Malheiros (Pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias). Em 519 anos de resistência, o povo indígena luta

pela suas terras, saúde e direitos, manter sua cultura viva ainda é um grande desafio e prova de força. Maria Lídia, Pankaruru e agente de saúde, compartilhou sua vivência nas visitas aos seus parentes e como é colocada a saúde indígena onde os rituais e plantas medicinais muitas vezes são mantidos e cultivados. Jessica Pankarare também relatou sua experiência com os projetos de leis indígenas e o distanciamento da presença indígena na sociedade. Foram debatidos na mesa o acampamento terra livre, rituais, lutas como projeto de lei, visão estereotipada e agosto indígena. Durante toda a semana



STHERANE MATTOS

Da esquerda para a direita: o pró-reitor Antônio Carlos Malheiros, Jéssica Pankararé, Sueli Pacheco Amaral e Maria Lídia.

diversas etnias indígenas participaram de uma exposição no térreo do Pré-

dio Novo e realizaram suas danças nos períodos de intervalo entre as aulas.

Trabalho e crise global é tema do debate da APG

A APG-PUC/SP, juntamente com a CEMJ e a Fundação Mauricio Grabois apresentam o 1º Colóquio sobre Trabalho na PUC-SP. O tema central desta primeira abordagem será "Trabalho e Crise Global", ten-

do como debatedores o professor Ladislau Dowbor, da FEA e Nivaldo Santana, Secretário de Relações Internacionais da CTB. O evento acontece em 24/9, às 19h no auditório Paulo VI

Semana de História discute Educação, Cultura e Resistência

Entre os dias 23 e 27 de setembro acontece a XVIII Semana de História da PUC-SP. Neste ano o evento organizado pelo Depto. de História da Faculdade de Ciências Sociais, traz como tema central Educação, Cultura e Re-

sistência. Ao longo da semana está prevista a realização de mesas temáticas, grupos de trabalho e minicursos. A programação completa pode ser acessada em <https://semanahistoriapucsp.wixsite.com/xviiiipucsp>.

Cursinho Popular necessita professores de Matemática

O Cursinho Popular dos Estudantes da PUC-SP está em busca de voluntários/as para as aulas de Matemática. O curso acontece aos sábados, no período

da tarde no campus Monte Alegre e os interessados podem enviar mensagens inbox ou no e-mail cursinhopopular.vest@gmail.com

Curso de Multimeios realiza sua 14ª Semana

Entre os dias 23 e 26/9 acontece no campus Monte Alegre a 14ª Semana do Curso de Multimeios. A temática principal do evento é o papel de Curinga que o Multimeios exerce hoje em nossa sociedade "No jogo de baralho, o curinga é a peça-chave, aquele que entra para substituir qualquer carta, gerando novas possibilidades e jogadas.

Nós, estudantes de Multimeios, conseguimos nos enxergar neste papel, uma vez que podemos atuar em diversas áreas do audiovisual". Diversas mesas, Workshops e cine-debates farão parte do evento, cuja programação completa pode ser acessada em https://www.facebook.com/events/1418685251615593/?active_tab=about.

Semanas continuarão agitando o cotidiano da PUC-SP

Nos próximos dias mais semanas temáticas estarão agitando o campus. O curso de Jornalismo realiza a sua 41ª semana entre os dias 7 e 11/10. O destaque será para a mesa do dia 8/10, coordenada pelo professor Leonardo Sakamoto, que trará o jornalista Glenn Greenwald, que junto com

Sergio Dávila da Folha de S.Paulo e Carla Jimenez do El País discutirão a operação VazaJato. O debate acontecerá no Tuca a partir das 19h. Já o curso de Economia da PUC-SP promove, entre os dias 30/9 e 4/10 a XVII Semana de Economia com o tema Economia e Política, saídas para a crise.